

Fábio Ribeiro Mendes

VESTIBULAR e ENEM 100%
Método de Estudo, Descanso e Lazer

2ª edição



2013

© 2013 Autonomia Editora

Av. Carlos Gomes, 1998 – sala 1002 | Três Figueiras

CEP: 90480-002 | Porto Alegre, RS

Fone: (51) 3208-1292

editora@autonomiaedu.com.br

www.autonomiaedu.com.br

Coordenação Editorial

Ana Carolina Valls

Diagramação

Tavane Reichert Machado

Capa

Eduardo Nunes

Revisão

Mônica Zardo

Impressão

Ideograf

M53vi Mendes, Fábio Ribeiro
Vestibular e ENEM 100% : método de estudo,
descanso e lazer / Fábio Ribeiro Mendes. – 2. Ed. – Porto
Alegre : Autonomia, 2013.
128 p.

ISBN: 978-85-65717-02-1

1. Educação. 2. Exame Nacional do Ensino Médio.
3. Metodologia de Estudo. 4. Programação de Estudos.
5. PROUNI. 6. Educação - Preparação para Provas.
I. Título.

CDD 001.42

Bibliotecária Responsável
Ginamara Lima Jacques Pinto
CRB 10/1204

*A todos os vestibulandos,
pela ideia que resultou neste livro.*

*“O mestre em qualquer arte evita o excesso e a
falta, buscando e preferindo o meio termo.”*

Aristóteles, Ética a Nicômacos, 1106b.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
1. OS MITOS SOBRE VESTIBULAR E ENEM	10
a) O que é o vestibular?	10
b) Cotas	13
c) O que é o Enem?	14
d) O Sisu e o Prouni	16
e) Os cursinhos preparatórios	17
f) Professores particulares e cursos por matéria	19
g) Inteligência, médias e notas	20
h) “Não sei estudar!”	21
i) “Não sei por onde começar!”	22
j) Sorte e resultados	24
l) “É impossível passar!”	25
2. ESCOLHA BEM A UNIVERSIDADE E O CURSO	27
a) As várias universidades	28
b) A grande variedade de cursos	30
c) Crítica aos guias ou “busque você mesmo”	33
d) Alerta sobre prestígio e bons salários	35
e) Ensino a Distância (EAD)	39
f) Uma questão de tempo, esforço e organização	40
3. PREPARAÇÃO E METAS	42
Passo 1: Descobrir qual pontuação é sua meta	43
Passo 2: Definir o número de acertos em cada prova X habilidades do candidato	44
Passo 3: Reunir o material de estudo	47
Passo 4: Escolher o local de estudo	49

4. COMO ESTUDAR?	51
a) Gostar de estudar, é possível?	51
b) A chave de tudo: programação	52
b.1) Calendário de semanas até os exames	53
b.2) Calendário do mês específico	54
b.3) Tabela de horários	55
c) Como estudar?	58
Etapa 1: Leitura panorâmica	59
Etapa 2: Marcar e Sublinhar	60
Etapa 3: Resumir / Anotar	61
Etapa 4: Fazer exercícios	62
d) Como distribuir a matéria nas semanas?	63
d.1) Fevereiro ou março	64
d.2) Julho ou agosto	65
d.3) Outubro ou novembro	65
d.4) Dezembro ou a 1 mês do vestibular	65
e) Por quais matérias começar?	66
f) Decorar	67
g) O problema dos acertos ou “não preciso estudar”	67
5. FALTA 1 MÊS!	70
a) Combatendo a ansiedade com programação	70
b) Família e amigos	71
c) Festas de despedida, Natal e Ano Novo	72
d) A última semana: estudo ou descanso?	73
6. FAZENDO AS PROVAS	74
a) Antes de cada prova	74
a.1) Última revisão	74
a.2) A noite anterior	74
a.3) Café da manhã	75

a.4) Deslocamento até o local de prova	75
a.5) Minutos antes da prova	76
b) Tocou a sineta: calma	77
c) Primeiro as fáceis ou as difíceis?	78
d) Revisão	79
e) Quando chutar	79
f) Questões dissertativas ou discursivas	80
g) Preenchendo a grade	81
h) Entre os dias de prova.....	81
7. AS MATÉRIAS: DIFICULDADES E SOLUÇÕES	83
a) Redação	83
b) Português	85
c) Matemática	86
d) Física	87
e) Química	88
f) Biologia	89
g) Geografia	89
h) História	90
i) Literatura Brasileira	91
j) Língua Estrangeira	92
l) Sociologia e Filosofia	92
EPÍLOGO	94
APÊNDICE 1 - Lista de instituições de ensino superior	
por estado	95
APÊNDICE 2 - Exemplo de previsão de resultado.....	113
APÊNDICE 3 - Exemplos para auxiliar o estudo	114
APÊNDICE 4 - Tabelas e calendários	116
APÊNDICE 5 - Bibliografia recomendada	119

Introdução

O vestibular e o Enem são barreiras na vida de todo estudante que acaba o Ensino Médio. Todos queremos ter um curso superior, que é um requisito básico para entrarmos com força no mercado de trabalho. Porém, o que nos motiva a nos inscrevermos para as provas vai muito além de uma expectativa de longo prazo em relação a uma carreira profissional: elas parecem um teste psicológico, de resistência e de capacidade. Sentimos o peso de mostrar a todos os nossos conhecidos que somos inteligentes, capazes e que vamos nos dar bem na vida. Naqueles *poucos dias* de provas atípicas, precisamos responder questões sobre *tudo* o que nos foi ensinado ao longo de *três anos*. Isso tudo em algumas horas. É uma missão que *parece impossível*. Parece, mas *não é*.

Estou *absolutamente convencido* que qualquer pessoa que tiver um pouco de *método* é capaz de passar em um concurso como o vestibular e ter um bom desempenho no Enem. Apesar da grande quantidade de matéria, é possível absorvê-la, se soubermos como guardá-la em nossa cabeça e não deixarmos de fazer as coisas que gostamos. A minha experiência com vestibulares e orientação de alunos justifica minha convicção.

Fiz o vestibular duas vezes na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O primeiro foi o de 1999. Passei no curso de Odontologia, bastante disputado, mas logo percebi

que não tinha a menor vocação e me transferi para o curso de Filosofia, que adorava. Hoje, sou graduado, mestre e doutor em Filosofia na mesma universidade.

No ano de 2004, no final de setembro, inscrevi-me no vestibular novamente para o curso de *Direito*, um dos mais concorridos, interessado em todo leque de atividades ligadas às leis. Faltava pouco mais de *três meses* para as provas. Eu *não tinha tempo* para fazer cursinho e não fiz. *Estudei sozinho*. Fazia cinco anos que eu não tinha o menor contato com Física, Química, Biologia, Geografia e Literatura Brasileira, mas o curso de Filosofia me proporcionara conhecimentos em História e Português. Passei no vestibular para Direito Diurno na UFRGS em *5º lugar*. O resultado foi tão bom que eu teria passado mesmo se houvesse *300 candidatos para cada vaga* do curso (nos cursos mais concorridos do Brasil a densidade dificilmente chega a 70 candidatos por vaga). Esse resultado, que me permitiria ingressar em qualquer um dos cursos da Universidade nas primeiras colocações, veio em *apenas 3 meses de estudo*, sem cursinho e após 5 anos sem olhar para livros de metade das matérias.

Se isso já não fosse o bastante, aqui vai uma *declaração bombástica*: não, eu *não* fiquei esses três meses trancado em um quarto atrás de pilhas de livro. Não, eu *não* deixei de sair com os amigos, eu *não* deixei de tomar cerveja, eu *não* deixei de fazer festa, *nem* de ir para a praia ou jogar futebol. Não, eu *não* deixei de dormir até mais tarde no fim de semana ou ir ao cinema *sempre* que quis. Eu fiz todas essas coisas, mas também estudei *regularmente* e passei. Como? Com *método de estudo* e uma boa *programação de horários*. Com momentos reservados para *lazer*, outros tantos para *descanso* e alguns poucos para *estudo*. Você verá que o estudo de alto

rendimento só é possível se for conciliado com muito lazer e muito descanso.

Então, decidi escrever este livro, para compartilhar com todos este método de estudo para passar no vestibular. A publicação levou-me a trabalhar com alunos em escolas sobre o tema de preparação para o vestibular e o Enem pela formação de hábito de estudo. Logo no primeiro capítulo, os mitos sobre o vestibular e o Enem são desmascarados, um a um, para que o estudo não fique dificultado por “lendas urbanas”. Após, um capítulo inteiro é dedicado a como escolher a universidade e os cursos, já que uma escolha acertada o permitirá saber exatamente por que motivos estuda. No terceiro capítulo, você aprenderá a definir metas e a preparar-se para o estudo, o que é fundamental, para somente em seguida, já no quarto capítulo, trataremos da arte do estudo e da programação. Você aprenderá a gerenciar seu tempo, para fazer *tudo* o que quer e, ainda, estudar um pouco, além de descobrir como fazer seu estudo render ao máximo. O quinto capítulo fala sobre como aliviar as fontes de tensão que prejudicam o estudo e sua vida como um todo em função das provas. Se você recém comprou o livro e está preste a fazer os exames, leia diretamente o Capítulo 6: lá, você encontrará tudo sobre como fazer as provas sem tropeçar nas armadilhas que estão escondidas. Finalmente, no último capítulo, há algumas dicas sobre como estudar cada uma das disciplinas que compõem os programas dos vestibulares e do Enem. Há ainda os apêndices, elaborados para poupar o seu tempo e ajudá-lo a pôr em prática as dicas e aprendizados que tanto me ajudaram.

Eu estou certo de que os métodos apresentados no livro serão muito úteis aos candidatos ao Ensino Superior. Desejo que a leitura seja agradável e, principalmente, que tenham muita boa sorte!



1. Os mitos sobre vestibular e Enem

O primeiro passo – e talvez o fundamental – em nossa caminhada rumo ao ingresso na Universidade será desmistificar o vestibular e o Enem. Não poderemos fazer nada, se você, estudante, encarar aquele conjunto de provas como uma barreira intransponível ou como uma prova do valor de cada pessoa, onde apenas os mais fortes, inteligentes e “CDFs” sobrevivem. São opiniões emitidas por pais, professores, amigos e familiares que enchem nossas cabeças com preocupações e expectativas *desnecessárias*.

Neste capítulo, veremos que o vestibular e o Enem, apesar de exigirem muito estudo, não são “bichos de sete cabeças”, e, mais importante do que isso, que o sucesso nas provas não é tão importante assim no curso de nossas vidas. Relaxe, leia e reflita sobre os mitos desmascarados a seguir.

a) O que é o vestibular?

O vestibular é um concurso de admissão de alunos no Ensino Superior realizado pela maioria das universidades e faculdades, voltado a todos aqueles que concluíram o Ensino Médio. Ele avalia o conhecimento do candidato em nove matérias: Português, Matemática, Física, Química, Biologia, Geografia, História, Literatura Brasileira e Língua Estrangeira.

ra, sendo que em algumas universidades é possível optar entre Inglês, Espanhol, Italiano, Francês ou Alemão, além de ser também requisitada uma prova específica em Filosofia. Dependendo do vestibular, as questões são objetivas ou dissertativas e o resultado do ENEM (já veremos sobre ele na seção seguinte) pode ser usado nos cálculos das pontuações. As provas possuem muitas vezes pesos diferentes de acordo com o curso escolhido pelo candidato, ou seja, um *mesmo número de acertos* em uma mesma prova pode significar uma *pontuação diferente* para quem se candidatou a Medicina e a Engenharia Civil. Algumas universidades exigem um teste de aptidão para candidatos a cursos específicos, normalmente ligados às artes (como Música, Artes Plásticas, Teatro, Design e até mesmo Arquitetura e Odontologia). No final do livro, o primeiro Apêndice traz uma lista de instituições de Ensino Superior, como base para pesquisas sobre as diferenças entre as provas. O fato é que cada curso possui um número *limitado* de vagas, preenchidas pelos candidatos com maiores escores finais, isto é, com a maior média final. É fundamental entrar no site das universidades e gastar tempo pesquisando sobre como se dá a seleção, já que é comum as regras mudarem de ano para ano!

Podemos nos perguntar se o vestibular é um bom método para selecionar os melhores alunos para as poucas vagas. À primeira vista, parece que sim: os candidatos são testados em relação a tudo o que deveriam saber após o Ensino Médio e os que mostram saber mais acabam passando, merecidamente. Entretanto, se pensarmos com mais calma, logo perceberemos qual é o ponto fraco do vestibular: os alunos são testados sobre *tudo* o conteúdo aprendido ao longo de três anos de estudos em apenas algumas horas. Isso acaba sendo não apenas

um teste de conhecimento, mas também um teste *psicológico*. Um ótimo candidato à arquitetura, por exemplo, pode ficar nervoso na prova de matemática e ter um desempenho muito abaixo do que seria capaz em circunstâncias normais. Assim, o vestibular, por suas características, acaba privilegiando os estudantes com acesso aos melhores colégios, livros, cursinho e tempo livre, de modo que o nível econômico-social pode vir a ser mais relevante do que a vocação do candidato. Um estudante que possui uma família com melhores condições financeiras, que não precisa trabalhar e pode fazer cursinhos à vontade, tem mais chances de passar em Direito do que alguém que teve uma vida sofrida e completou os estudos com dificuldades, porque trabalhava durante o dia e estudava à noite. Porém, não seria nem um pouco surpreendente que esse segundo estudante tivesse um excelente desempenho como jurista, advogado, juiz ou procurador, dada a sua experiência concreta com diversos problemas sociais. É isso o que justifica a instituição de cotas raciais e sociais nas universidades, o que será apresentado ainda nesse capítulo. Apesar de uma série de possíveis críticas ao sistema do vestibular, podemos considerá-lo, em geral, um bom método de seleção, porque se baseia em algo objetivo, algo que pode ser igualmente mensurado em relação a qualquer candidato: os acertos em questões sobre conteúdos possíveis de serem aprendidos por meio de livros e aulas. É claro que ainda estamos sujeitos a problemas, pois a cada ano muitos alunos são aprovados devido à sorte que tiveram em “chutes” decisivos e sempre tem alguém eliminado porque a caneta estourou em cima da folha de respostas. Mas esses são casos raros e não podemos guiar nossos estudos por esse tipo de situação. A necessidade de “chutes”

diminui à medida que *aumenta* nosso conhecimento da matéria. A probabilidade de a caneta estourar diminui se tivermos o mínimo cuidado. E assim segue o baile.

O importante aqui é: seja o vestibular bom ou não, mais ou menos eficaz, não podemos fugir dele. Se vamos enfrentá-lo, que seja *de frente*. Não devemos nos esquivar das dificuldades que ele representa citando exemplos de sucesso e insucesso graças à sorte. Devemos aceitar que ele existe e que ele é do jeito que é. A única coisa que temos a fazer é procurar *conhecer ao máximo* o modo como o vestibular funciona (relembro que é fundamental pesquisar sobre o vestibular em diversas universidades) e *estudar* para obter o melhor escore possível ao fim daqueles poucos dias de provas que somam o resultado de nosso esforço e sorte. Quanto mais estudarmos, menos a sorte, o calor e o medo de não passar vão nos afetar. Então, estudemos!

b) Cotas

As cotas são reservas de certo número de vagas nas universidades (tipicamente as públicas) para alunos que estudaram em escola pública (cotas sociais), negros, pardos e indígenas (cotas raciais). No caso das cotas sociais, é preciso que o aluno comprove que estudou em escola pública durante um determinado período, por exemplo, “todo o Ensino Médio” (comprovar com o histórico escolar). Já no caso das cotas raciais, geralmente é exigido somente que o aluno se autodeclare negro, pardo ou indígena. Caso você não se encaixe nas cotas, será um estudante que irá ingressar pelo chamado “ingresso universal”.

Muito se discute sobre a justiça ou as injustiças promovidas por essa reserva de vagas. Aqui, contudo, cabe apenas constatar que elas estão aí e vieram para ficar. Minha opinião

peçoal, como alguém que quer ajudá-lo a ingressar no Ensino Superior, é que, se você tiver a chance de utilizar as cotas, vá em frente, sem medo ou vergonha. Não deixe de se auto-declarar negro se assim se identifica. O que está em jogo é a construção do seu futuro e da sua família, e também o do país. Se a medida é justa ou injusta, o tempo dirá com maior precisão. Não deixe escapar a oportunidade. Agora, se não se sentir à vontade, seja qual for o motivo, faça como quiser. Sinta-se livre para tomar suas decisões (isso será importante, aliás, para o sucesso do estudo).

Por outro lado, se você é alguém que não tem a oportunidade de ingressar por cotas, não há porque “ficar choramingando”. Ao invés de ficar pensando que é injusto, por qualquer motivo que seja, encare o desafio de frente e procure encontrar outras oportunidades que encontrou na vida (e pode ainda encontrar) que favoreçam seu ingresso. Concentre-se nas suas vantagens e faça as pazes com as cotas. Colocar a desculpa pelo insucesso nelas só desviará o foco: estudar com planejamento e eficiência.

c) O que é o Enem?

O Enem (Exame Nacional do Ensino Médio – <http://www.enem.inep.gov.br/>) é um conjunto de provas realizadas em 2 dias que pretende avaliar o desempenho de alunos que estão concluindo ou já concluíram o Ensino Médio. Todos os anos, qualquer aluno nessas condições pode fazer o exame. A pontuação final permite o ingresso em universidades, seja diretamente, seja por uma composição com a nota no vestibular. Os alunos de escolas públicas podem inscrever-se no Sisu e no Prouni (veja abaixo, neste mesmo capítulo) utilizando ex-

clusivamente a pontuação do Enem. Os conteúdos das provas são divididos em 4 áreas (Ciências da natureza e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias; Ciências humanas e suas tecnologias; Linguagens, códigos e suas tecnologias) que abrangem todo o conteúdo do Ensino Médio. Contudo, mais importante do que os conteúdos em si, o aluno deve ser capaz de demonstrar o domínio de certas habilidades, que constituem os “eixos cognitivos”:

- I – Dominar linguagens;
- II – Compreender fenômenos;
- III – Enfrentar situações-problema;
- IV – Construir argumentação;
- V – Elaborar propostas.

Então, a pergunta que fica é: como estudar para um exame que pretente, além do conteúdo, averiguar as habilidades dos alunos? A resposta é que, para o Enem, devemos estudar de uma forma que nos leve a saber, cada vez mais, como interpretar um texto, como analisar dados, como construir hipóteses. Não basta apenas decorar. É por isso que o modo como estudamos, o método de estudo adotado, é fundamental para o sucesso nas provas. No capítulo reservado a esse tema, ficará claro como um estudo bem feito faz o aluno ir além do conteúdo e notar que, efetivamente, está avançando nas habilidades requisitadas pelo Enem.

A conclusão é que um aluno pode estudar para o Enem e para o vestibular desta ou daquela universidade *ao mesmo tempo*, porque os conteúdos são, basicamente, os mesmos. Contudo, como o Enem exige mais do que o vestibular, é mais

seguro procurar estudar segundo um método que promova as habilidades listadas acima: aliás, elas também serão úteis para as provas do vestibular.

d) O Sisu e o Prouni

O Sistema de Seleção Unificada (Sisu - <http://sisu.mec.gov.br/>) é um sistema informatizado gerenciado pelo Ministério da Educação (MEC) no qual instituições *públicas* de ensino superior oferecem vagas para candidatos que participaram do Enem. Duas vezes por ano, no início de cada semestre, quaisquer estudantes – seja egresso da rede pública ou privada de ensino – pode inscrever-se gratuitamente e pela internet.

O Prouni (Programa Universidade para Todos - <http://siteprouni.mec.gov.br/>) é algo semelhante ao Sisu, mas que disponibiliza bolsas de estudo parciais ou integrais em instituições de ensino *privadas* a partir da nota do Enem. Isso significa que, se você tiver uma pontuação suficientemente boa no Enem e tiver estudado no ensino público (ou em instituição privada com bolsa integral e com renda familiar de até 3 salários mínimos), pode ingressar em uma universidade privada tendo o curso pago pelo governo federal. Essa é uma grande oportunidade! O mais incrível, contudo, é que, dependendo do curso, podem sobrar bolsas. Em outras palavras: é realmente acessível ingressar no ensino superior pelo Prouni, e recomendo fortemente que se informe sobre o programa!

Lembre-se: o Enem pode ser feito todos os anos! Se o estudo for produtivo e bem planejado, é uma questão de tempo atingir uma pontuação suficiente para ingressar no Ensino

Superior por uma dessas modalidades, até porque é possível participar do Sisu e Prouni, simultaneamente.

e) Os cursinhos preparatórios

“Não dá pra passar sem cursinho” é uma frase comum em épocas de provas. *Ela não é verdadeira*. O fato que, apesar deles ajudarem bastante nos estudos, é sim possível alcançar uma boa pontuação sem cursinho.

Calma, eu vou explicar.

Só existe uma forma de aprender: estudando. Uma maneira de estudar é assistir a aulas; a outra é *recorrer a livros*. Na aula, o professor decide o conteúdo. No estudo com o livro, é o *aluno* quem decide o que vai aprender, em qual ritmo e em que ordem. Podemos ler quantas vezes desejarmos aquela página com a matéria complicada, enquanto, em uma aula com vários alunos, tudo deve ser entendido ou esquecido. O fundamental, na verdade, não é ir às aulas do cursinho, mas *estudar em casa*, fazer os exercícios, formular perguntas, fazer resumos e anotações. Não podemos nos deixar levar pela ideia de que o cursinho é “a solução de todos os problemas” ou, pelo menos, um requisito básico para passar no vestibular. Não. *O fundamental é estudar*. O cursinho pode ajudar nisso, principalmente em relação a algumas matérias que não foram aprendidas no colégio. Mas ele não é a solução e pode até mesmo consumir um tempo valioso do estudo em casa. Não há nada de *sagrado* no cursinho.

É verdade que os cursinhos fornecem todo o conteúdo das provas em cadernos com todas as matérias, mas eles são feitos para que o aluno acompanhe as aulas e não para que ele *estude sozinho*, como vimos ser o fundamental. Por isso, vale

mais a pena *comprar* um livro de Química com toda a matéria sistematizada, em ordem, escrita por *um único* especialista¹, do que estudar em casa com um caderno feito muitas vezes de recortes, elaborado por professores muito diferentes e separado em dois ou três livros, que contêm de Trigonometria ao Real-Naturalismo, passando pelos Ecossistemas Brasileiros. É sim possível encontrar materiais didáticos de cursinhos bem elaborados, mas nada substitui os livros consolidados das grandes editoras (há uma lista deles no Apêndice 5).

É preciso frisar que *não* digo que os cursinhos não valem a pena. Pelo contrário, eles são muito importantes, um grande instrumento de aprendizagem. O que digo é que o estudante ir às aulas dos cursinhos achando que isso será *suficiente* para passar no vestibular pode ser uma *armadilha* para os estudos. O problema dos cursinhos talvez seja a ideia geral que recebemos sobre o vestibular e o Enem, que se mostra em parte *contraditória*. Por um lado, são provas difíceis. Por outro, se você assistir às aulas e fizer o “Intensivo” no final do ano, as chances de ir bem são grandes. Se for bem, é graças ao cursinho. Se não passar, é porque não revisou em casa os conteúdos dados em aula. Ora, se o que causa o insucesso é a falta de revisão e estudo *em casa*, então *isso* é o que não pode faltar.

Finalmente, meu conselho é o seguinte: o cursinho ajuda, mas não resolve. Ele *não* pode ser o *núcleo* de estudo, a ferramenta principal para preparar-se para o vestibular e o Enem. De fato, as aulas do cursinho suprem algumas lacunas do Ensino Médio, mas isso *também pode ser conseguido com livros*. O cursinho é bem-vindo *se* – preste atenção no “se” – o aluno

¹ Veremos, no Capítulo 3, como escolher um livro adequado.

notar que está *aprendendo* coisas que não aprendeu no colégio ou que não consegue aprender sozinho com os livros. Por exemplo: se você consegue estudar sozinho Português e está satisfeito com seus conhecimentos sobre acentuação, então não assista *essa* aula e vá para casa estudar Geometria Analítica. Além disso, é preciso observar o cansaço: as aulas do cursinho podem, em função disso, diminuir a disposição para estudar em casa.

O ideal é que o cursinho e seus professores complementem o estudo: a chave de tudo é o *estudo em casa*, sozinho com os livros.

Como estudar e fazer render o tempo, sem esquecer do mundo e dos amigos, é o assunto principal dos Capítulos 3, 4 e 5.

f) Professores particulares e cursos por matéria

Está aqui o que mais fortemente aconselho em relação à ajuda externa: aulas particulares para as matérias ou conteúdos *específicos* que temos mais dificuldades. Nelas, conseguimos ver exatamente o que nos interessa, além de tomarem menos tempo do que as aulas regulares dos cursinhos e poderem ser bem mais baratas do que suas mensalidades, porque você só estuda e “perde tempo” com as aulas que lhe interessam. Ainda assim, não aposte todas suas fichas nas aulas particulares. É você, *sozinho*, que pode fazer a diferença. O professor pode auxiliá-lo a entender certos problemas de Geometria Analítica, mas não a fixar todo o conteúdo de Matemática. Utilize o professor particular como uma alavanca para aprender conteúdos específicos que “não entram na cabeça”. Assim, eu não estou aconselhando aulas *regulares* com professores particulares, mas sim aulas apenas para aqueles conteúdos que não conseguimos aprender sozinhos com os

livros. Por exemplo: pegar duas aulas particulares sobre Matrizes e Determinantes.

O meio termo entre o cursinho e a aula particular são os cursos por matéria. Esses, definitivamente, valem a pena, principalmente para as matérias de peso ou aquelas que o estudante tem mais dificuldade.

De qualquer forma, insisto, *nada substitui o estudo com livros*. O aluno não pode depender de outros para aprender. Desconfie de quem disser o contrário: uma vez independente, o estudante, acadêmico ou profissional, não tem limites além de sua vontade e determinação. Se você aprender a estudar sozinho, o céu é o limite.

g) Inteligência, médias e notas

Como já vimos no primeiro item deste capítulo, o resultado do vestibular, as médias finais, não se relacionam tão diretamente como se possa imaginar com *inteligência*. Infelizmente, comumente pensamos que sim. Vemos que alguns colegas de colégio simplesmente vão melhor em todas as matérias, estudam pouco e não precisam se esforçar. Certo, mas isso não significa tanto quanto parece. O colégio coloca à prova apenas *algumas* de nossas habilidades. É aceito por todos, hoje em dia, que existem diversos tipos de inteligência². Na Antiguidade, inteligência significava muito mais uma sabedoria prática – ou seja, uma capacidade de resolver conflitos e se relacionar bem com as pessoas à nossa volta – do que uma genialidade como a de Einstein. Aliás, Einstein foi um aluno extremamente problemático na escola e provavelmente

² Vale a pena conferir os seguintes livros: HOWARD, Gardner. “Inteligências Múltiplas”... e GOLEMAN, Daniel, “Inteligência Emocional”...

não passaria em um vestibular que dá grande importância a Português e Redação.

De qualquer forma, a inteligência se relaciona à capacidade de resolver problemas, superar desafios e viver bem com as pessoas que nos cercam. Passar no vestibular e alcançar uma pontuação respeitável no Enem exigem, sim, um tipo de inteligência, mas não a do gênio maluco e sim a da pessoa *persistente*, que sabe o que quer, que busca seus objetivos a todo custo. A inteligência da qual falo é algo que pode ser *trabalhado, desenvolvido, cultivado*; é uma forma de encarar desafios como esses, de estudo de maior prazo, sem deixar-se abater, encontrando alternativas, motivação, resultados. É inteligente, por exemplo, não se deixar levar por opiniões, como a de que é preciso gabaritar muitas provas para passar em Medicina. Isso é mentira. É inteligente, da mesma forma, perceber que as notas recebidas no Ensino Médio não determinam nosso futuro, e nem mesmo as notas do vestibular. Nós construímos o nosso futuro. Podemos aceitar conselhos e ouvir opiniões de nossos pais, amigos, familiares, professores, namoradas e namorados, mas quem decide sobre nossa vida somos *nós*. E não é diferente no caso do ingresso no Ensino Superior. Se você decidir ter sucesso, *aceitando os desafios* que estiverem no caminho, você realmente vai conseguir. Mas é preciso dedicação e esforço. Nada de valor vem de graça na vida.

h) “Não sei estudar!”

Este é outro pensamento que não leva a lugar algum. Pode ser reconfortante justificar um possível insucesso botando a culpa no destino, que não nos deu a felicidade de sabermos

como estudar. *Livre-se desse pensamento*: ele só será mais um obstáculo na sua vida e não vai ajudar em nada.

Agora, é claro que é possível fazer a constatação “não sei estudar” e, a partir desse fato, buscar a *solução*. Talvez este livro já seja parte dela. O importante nesse ponto é salientar que não podemos nos deixar levar por pessimismos que nos deixam sem ação. É possível *aprender* a estudar, mesmo que o Ensino Médio não nos treine adequadamente para isso. Saber estudar é um *conhecimento de técnicas*, que se traduz em *hábito de estudo*. É também um processo de autoconhecimento e autocrítica. O importante é que, se você não sabe estudar, *pode sim aprender*. O Capítulo 4 tratará disso detalhadamente.

i) “Não sei por onde começar!”

“Está tudo certo: eu tenho a tarde inteira livre para estudar. Agora, basta começar. Mas, antes, vou tomar um suco. E o que será que está passando na televisão? Acho que não tem problema eu assistir um pouquinho, não é? Certo, agora vou estudar. É tanta matéria... Começo por Matemática ou Literatura? Ali na estante tem o livro do Machado de Assis. Será que eu devo ler? Não, vou estudar Matemática. Mas que parte? São tantas fórmulas! Eu poderia apenas ler o caderno do colégio. E como ficam as outras tantas matérias? Epa, o suco acabou. Já sei: vou antes pegar mais um suco e fazer um lanche.”

Esse tipo de raciocínio é muito comum e *natural*. O estudante sabe que precisa estudar, gostaria de estudar, possui tempo livre de sobra, mas não consegue *começar o estudo*. Esta é a chamada “procrastinação” ou o “deixar para depois”. O estudante fica em um estado de inércia, não consegue modificar sua rotina em função do estudo, fica esperando que

“algo aconteça” para que comece a estudar. Isso é *fatal* no caso do vestibular e do Enem, nos quais são demandados todos os conhecimentos adquiridos ao longo de três anos em apenas alguns poucos dias de provas. O que costuma acontecer é o estudante se sentir pressionado nas últimas semanas antes das provas, quando deixa de lado coisas importantes para estudar, estudar, estudar e estudar. *Isso está errado!*

A causa desse fenômeno é uma só: o estudante não possui uma meta definida, não se programou em função dela. Para sairmos da inércia, devemos saber por onde e quando iniciar o estudo. Não basta ter tempo livre, é preciso saber de antemão *como* vamos aproveitá-lo. É como se tivéssemos de ir a uma festa *sem saber* que tipo de festa é, qual a roupa, qual o local, se devemos levar presente, se vai incluir um jantar, etc. Seria completamente aleatório entrar no carro, tentar achar a festa e se divertir nessas circunstâncias. O mesmo ocorre com o estudo. Ele exige que saibamos uma série de coisas – o que vamos estudar, onde vamos estudar, em que horário vamos estudar, por que iremos estudar, etc. –, caso contrário, não conseguiremos nem mesmo *começar*. Sentar-se à mesa, abrir qualquer caderno ou livro e começar a ler, sem programação, é como dar um tiro no escuro. E esse tiro pode atingir seu próprio pé.

A solução para o problema é, então, a *programação*, que só é possível pela *definição de metas*. Como fazer isso será tratado em detalhe nos Capítulos 3 e 4. Por ora, faça o seguinte: pegue um papel e uma caneta. Mas faça isso *agora*, antes de continuar. Vá anotando o que achar de útil neste livro. Você pode também marcar, na margem ao lado dos parágrafos, as ideias que achar interessantes. Essas anotações permitirão que

você consiga mais rapidamente sair da inércia e passar a uma rotina leve de estudo.

j) Sorte e resultados

Muitas vezes escutamos histórias a respeito de *sorte* e *azar* em relação às provas do vestibular e do Enem. “O meu amigo do prédio não estudou nada de Matemática, acertou 13 questões no chute na prova e passou em Administração.” E a conclusão é “não adianta... ir bem é questão de sorte mesmo”. Não nego que isso possa acontecer (na verdade, essa história é verídica), mas é evidente que não podemos *contar* com uma sorte como essa. Na verdade, não foi apenas esse lance de sorte que garantiu a vaga desse meu amigo, mas também o fato dele ter estudado e se preparado para as outras matérias. É muito difícil, mas possível, de algumas coisas darem certo com você na hora de uma prova, mas é *ingenuidade* pensar que isso acontecerá em todas elas.

A sorte, no entanto, não é meramente um milagre que vem do céu. Quanto mais estudarmos, mais questões serão compreendidas. Quanto mais estudarmos, mais respostas poderão ser eliminadas. Quanto mais estudarmos, mais respostas serão marcadas com certeza. Pensemos na possibilidade de alguém saber *toda* a matéria de Física: esta pessoa simplesmente *não precisará ter sorte* para fazer um grande número de acertos. Seguindo o mesmo raciocínio, concluímos que essa deve ser a meta de nossos estudos, mesmo que seja difícil chegar a um nível tão excelente de domínio de uma matéria. Se nosso objetivo é passar no vestibular ou ir bem no Enem, tudo o que temos a fazer é estudar de maneira eficiente. Sem excessos, para que o estudo não seja chato e não nos desmotive. O fato é que cada matéria que estudar-

mos aumentará a probabilidade de termos sorte no vestibular, incluindo a sorte de cair exatamente aquilo que sabemos. Se entendermos 100% da matéria, todas as questões da prova estarão sob nosso controle. E, acredite, é *sim* possível chegar muito próximo a tal grau de conhecimento.

1) “É impossível passar!”

Algumas vezes temos a impressão de que é impossível suportar toda a pressão, estudar tudo o que é preciso, ter tranquilidade na hora da prova e passar. Em outras palavras, algumas vezes bate o que chamamos de “desespero frente ao desconhecido”. Nessas horas, o mais importante é *manter a calma* e se *programar*. Não adianta perder o controle. Além do mais, é verdade que muitos são eliminados e não passam no vestibular, muitos alunos sentem o cansaço e não vão bem como esperavam no Enem, principalmente na primeira vez que fazem as provas, mas também é verdade que milhares conseguem os resultados pretendidos e o passaporte para o Ensino Superior todos os anos. Eu disse: *milhares* conseguem!

A principal causa deste desespero é a sensação de *despreparo*. Às vezes, parece que estudamos muito, mas esquecemos da matéria depois de certo tempo, como uma cobra que engole seu próprio rabo e nunca fica maior. De fato, isso acontece. Se não anotamos o que aprendemos com as nossas palavras, se não fazemos resumos ou fichas das matérias, começamos a esquecer o que estudamos há 1 ou 2 meses, ainda mais com toda a quantidade de conteúdo estabelecida para cada uma das provas do vestibular. A *solução* está em exatamente fazer um tipo de estudo voltado para *elaboração de resumos*. Quando temos o resumo feito por nós mesmos das principais ma-

térias das provas, com os pontos e fórmulas que esquecemos com frequência, podemos usar esses papéis mágicos para nos salvar do desespero. Com um resumo na nossa frente, somos capazes de lembrar rapidamente exatamente daquilo que temos esquecer. Por fim, quando tivermos domínio do conteúdo, finalmente ficaremos tranquilos.

Contudo, é preciso dizer algo importante a essa altura: não é preciso saber todo o conteúdo de uma prova para se sair bem nela. Com um conhecimento *mediano* de todas as matérias, é possível fazer uma pontuação capaz de sustentar um escore final suficiente para conseguir o ingresso em grande parte dos cursos. Porém, no caso do vestibular, é preciso fazer uma pontuação maior que a média nas matérias com maior peso. Para essas, não podemos contar com a sorte. É possível ter um bom desempenho, e isso é quase certo, com um estudo *regular, constante e produtivo*.

* * *

A conclusão, e resumo, deste primeiro capítulo é o seguinte: se você quer entrar na Universidade, basta estudar. Não basta *qualquer* estudo. Deve ser um estudo comprometido. O candidato deve estar disposto a encarar aquelas matérias que não gosta. No mínimo, devemos ter consciência do que sabemos e também do que não sabemos, para não perder tempo na prova, por exemplo, com questões que temos pouca chance de acertar (isso será visto no Capítulo 6).

Passemos para o próximo ponto, acerca dos cursos a serem escolhidos e dos problemas ou conflitos frequentes nessa importante tomada de decisão.